



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I  
COLEGIADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ANGU DE QUITANDEIRA: Um trabalho sócio-histórico da obra A arte culinária  
na Bahia de Manoel Querino.**

**Monyra Nunes Laytynher**

SALVADOR - BA

2023

**MONYRA NUNES LAYTYNHER**

**ANGU DE QUITANDEIRA: Um trabalho sócio-histórico da obra A arte culinária na Bahia de Manoel Querino.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do estado da Bahia (UNEB), como parte das exigências para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Fábio Nogueira

**SALVADOR-BA  
2023**

## RESUMO

A pesquisa em questão tem como objetivo realizar um estudo sócio-histórico da obra "Arte Culinária na Bahia" do professor Manoel Raymundo Querino. Publicado pela primeira vez em 1928, o texto é examinado como um documento biográfico e histórico, visando refletir sobre as contribuições de Querino para a produção de um discurso-território relacionado à culinária baiana. Manoel Querino viveu em Salvador, uma das maiores cidades do Brasil no final do século XIX. O contexto histórico envolvia intensas políticas higienistas nas ruas da cidade, impulsionadas pelo paradigma modernizador. Levando esse contexto em consideração, a monografia reflete acerca dos diferentes discursos sobre a circulação de alimentação afro-brasileira na cidade de Salvador desenvolvido, majoritariamente, por mulheres negras. Assim, buscamos compreender as ações intelectuais de Querino para positivar o trabalho ao pé do fogão respondendo às teorias raciais que via os elementos africanos na paisagem urbana como um problema. Parte-se da ideia de modernidade negra para entender a autodeterminação na produção de alimentação afro-brasileira.

**Palavras chaves** : memória, modernidade negra, culinária, candomblé

## ABSTRACT

The research in question aims to carry out a socio-historical study of the work "Arte Culinária na Bahia" by Professor Manoel Raymundo Querino. First published in 1928, the text is examined as a biographical and historical document, aiming to reflect on Querino's contributions to the production of a discourse-territory related to Bahian cuisine. Manoel Querino lived in Salvador, one of the largest cities in Brazil at the end of the 19th century. The historical context involved intense hygienist policies in the city streets, driven by the modernizing paradigm. Taking this context into consideration, the monograph reflects on the different discourses about the circulation of Afro-Brazilian food in the city of Salvador, developed mainly by black women. Thus, we seek to understand Querino's intellectual actions to valorize the work at the stove in response to racial theories that saw African elements in the urban landscape as a problem. The idea of black modernity is used to understand self-determination in the production of Afro-Brazilian food.

Keywords: memory, black modernity, cuisine, candomblé

**Cada terra com seu uso — é da sabedoria popular**  
**Manoel Querino**

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

- AINSR** - Arquivo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário
- ASPD** - Arquivo da Sociedade Protetora dos Desvalidos
- CAB** - Congresso Afro-Brasileiro
- IGHB** - Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

## LISTA DE IMAGENS

**Imagem 1** – Retrato pintado de Manuel Querino, Graça Ramos, acrílica sobre tela, 2005.

**Imagem 2** – Capa da segunda edição, 1951.

**Imagem 3** – Capa da terceira edição, 1958

**Imagem 4** – Negras vendedoras de angu, Jean- baptiste

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1- IDEIAS E TRÂNSITOS DO OBSCURO MANUEL QUERINO – “ENTRE HOMENS DA SIENCIA”.....</b>	<b>14</b>
1.1 - Instituições e cientificidade - Dentro e fora dos homens ilustres.....	17
1.2- Em condições de escrever - Discurso Educacional em Querino.....	20
1.3- Uma homenagem do Instituto Histórico Geográfico.....	23
<b>CAPÍTULO 2 - UMA OBRA PARA APRESENTAR A BAHIA .....</b>	<b>25</b>
2.1 - A Arte Culinária na Bahia (1928).....	25
2.2- Imagem da preta velha - Mulheres negras e culinária na Bahia.....	29
2.3 - Angu de Quitandeira - O trabalho de cozinheiras negras.....	34
<b>CAPÍTULO 3 – OS DESDOBRAMENTOS NA DÉCADA DE 30.....</b>	<b>38</b>
3.1- I e II Congresso Afro-Brasileiro e o pensamento de Manoel Querino....	39
3.2 - Culinária e a Identidade Nacional - Representação da Mãe preta mulata.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>46</b>



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa tem o objetivo fazer um estudo sócio-histórico da obra “Arte Culinária na Bahia” do professor Manoel Raymundo Querino. Esse é um trabalho que se propõe a olhar o texto, publicado pela primeira vez em 1928, como um documento biográfico e histórico, de modo a refletir, pela natureza do texto, sobre as contribuições de Querino para produção de um discurso-território em torno da culinária baiana. Salvador, cidade em que viveu Manoel Querino, era um dos maiores centros urbanos do Brasil no final do século XIX. Nesse contexto, as ruas da cidade foram alvo de intensas políticas higienistas sustentadas pelo paradigma modernizador da época.

Os rastros biográficos de Manuel Querino nos informam que ele foi um sujeito que tematizou e pensou a cidade em suas transformações urbanísticas a partir das memórias negras que, segundo o núcleo dos seus escritos, foi responsável por construir uma importante arquitetura material e espiritual no processo civilizatório brasileiro. Esta monografia objetiva analisar sociologicamente a relação entre a biografia de Querino e suas tomadas de decisões intelectuais para construir trabalhos que positivaram os africanos e afro-descendentes em contexto em que a raça tinha uma atribuição biológica para explicar as diferenças (Schwarcz, 1993).

Para construir essa relação, os textos de Querino e sua trajetória suscitaram as seguintes perguntas: De que modo o livro inaugural “A arte culinária na Bahia” (1928) se relaciona com os seus textos anteriores que versam sobre a inclusão material dos africanos na cidade? Quem são as interlocutoras do texto?<sup>1</sup> É possível identificar uma produção de discurso-território em torno da alimentação nesse documento histórico?

Essas perguntas foram surgindo no processo de elaboração, escrita e reescrita da monografia e no contato com a polivalência dos textos do autor. Antes de informar um percurso metodológico e um aporte teórico bem definido a respeito desse recorte de pesquisa, descrevo brevemente o encontro com o Querino no meu próprio percurso na graduação e maneira pela qual a temática do livro “Arte Culinária na Bahia” me pareceu familiar de modo que se apresentou como um campo possível para meu trabalho de conclusão de curso. A leitura da

---

<sup>1</sup> Faço a pergunta no feminino por causa da marca de gênero explícita no livro de Querino que nos propomos a estudar.

biografia “Manuel Querino Entre Letras e Lutas - Bahia: 1851-1923”, de Maria das Graças Leal (Leal, 2009), durante a disciplina sobre cultura brasileira que cursei, intensificou meu interesse por estudos biográficos. Pouco antes de encontrar o trabalho de Leal nas prateleiras da biblioteca da universidade, eu havia lido “Os Segredos de Virgínia”, um estudo biográfico sobre a trajetória de Virgínia Leone Bicudo na sociologia brasileira na década de 40, de Janaina Damasceno (Damasceno, 2013). Embora exista uma diferença temporal entre Querino e Virgínia, ambos os trabalhos me direcionaram aos estudos - ainda que de forma incipiente - sobre a tradição da intelectualidade negra no Brasil em diferentes contextos históricos. Assim, analisar a experiência de Querino, em particular nesta pesquisa, é destacar como a modernidade negra se manifestou no Brasil, ou, de forma mais específica, como os descendentes de africanos estabeleceram suas próprias referências subjetivas no país (Guimarães, 2004. p 23).

Nesses termos, revisitar a trajetória de Querino, em sua intimidade com o cotidiano e as ações que empreendeu como intelectual e militante, retratando os dramas dos sujeitos afro-brasileiros e africanos marginalizados durante a inauguração do regime republicano, revela uma memória individual profundamente entrelaçada à memória coletiva (Leal, 2009, p.35). Ainda sobre a escrita biográfica, o texto de Leal começa com uma descrição densa, a partir das informações do inventário de Querino, da casa em que o autor viveu durante boa parte da vida, em Matatu Grande, distrito de Brotas. Os quadros, imagens de figura de barro e a biblioteca pessoal, revelam todo um universo religioso e simbólico que são essenciais para refletir o conjunto da suas obras que, nas definições de Leal, trata-se de trabalhos historiográficos e autobiográficos, “uma vez que Querino materializou-se em um relato retrospectivo enquanto experiência de alguém que queria contar sua vida para dizer quem era” (Leal, 2009, p. 34)

O livro aqui analisado, por tratar de um texto memorialístico, o universo das receitas descritas por Querino em “A Arte Culinária na Bahia” (1928), me leva às minhas próprias lembranças povoada por esse universo da culinária. Minha mãe, Maria D’ajuda Nunes, é cozinheira e minha avó materna, Nelci Nunes, durante toda vida trabalhou com mariscos e comercialização de alimentos, isto é, comida de rua. Os trânsitos entre a produção dessa culinária baiana especializada em restaurante, e as comidas comercializadas em quitandas, mas que não necessariamente correspondem às definições de comida baiana, são familiares durante toda minha infância, pois eu também vivia nesses ambientes com os olhos da infância, preservado

e cuidado por elas. Nesse aspecto, na minha família, a culinária é um importante componente afetivo e de subsistência. Hoje, minha mãe, Maria D'ajuda, é proprietária do *Made in Bahia*, um restaurante de comida baiana. Como o próprio nome sugere. Toda minha família, irmãos e primos, trabalham nele. Foi esse lugar também que possibilitou minha vinda para Salvador.

Frequentemente, quando eu retornava para minha cidade nas férias e também trabalhava no restaurante, eu via minha mãe compartilhando receitas específicas da região, sul da Bahia. Como também a via compartilhando sua experiência com a arte culinária e as possibilidades geradas na vida a partir disso. Assim, ela costuma me apresentar: “Essa aqui é minha filha. Tá trabalhando aqui, mas estuda em Salvador”. O fato de poder ajudar uma filha estudando fora da cidade a coloca, na minha compreensão, em um lugar de agência e autonomia, como coloca Taís Machado sobre a trabalho de cozinheiras negras: “Escolho o cuidado como a última forma de pensar as agência e de resistência negras a partir dos modos como se dedicaram às suas famílias e a comunidade negra em geral e como a partir dessa dedicação e dos frutos de seu trabalho, sonharam com um futuro menos desigual e violento para as próximas gerações” (Machado, 2022, p. 287)

Na perspectiva da autora, a cozinha é um espaço geográfico de mulheres negras, configurando-se como um lugar de agência no desafiador trabalho de tecer e alimentar um futuro para a população negra. Na minha história familiar, a produção de alimentação também é percebida como um lugar de possibilidades e autonomia. No entanto, ao longo da nossa história colonial e republicana, o trabalho culinário desenvolvido majoritariamente por mulheres negras, foi sustentado por ideário ora de sujeira ora de um importante pilar para sustentação da democracia racial. Podemos perceber a construção desse ideário das cartas dos viajantes no Brasil do século XVIII as políticas culturais da Era Vargas. É preciso salientar que, no século XIX, contexto histórico do livro de Querino, o trabalho ao pé do fogão não era considerado trabalho digno. Muitas das vezes, o trabalho da cozinha no âmbito doméstico era visto como pior opção ou um castigo para as trabalhadoras de quem a senhora não gostava. (Machado, 2022, p.68)

Nesse cenário, a obra de Querino, *A arte culinária Bahia* (1928), o primeiro livro sobre comida baiana, toma de forma positiva os resultados do trabalho desenvolvido ao pé do fogão. Assim sendo ele enfatiza:

É notório, pois, que a Bahia encerra a superioridade, a excelência, a primazia, na arte culinária do país, pois que o elemento africano, com a sua condimentação requintada de exóticos adubos, alterou profundamente as iguarias portuguesas, resultando daí um produto todo nacional, saboroso, agradável ao paladar mais exigente, o que excede a justificada fama que precede a cozinha baiana. (Querino, 1928.p 23)

Ao entender o africano como introdutor do azeite de cheiro, do camarão seco, da pimenta malagueta, do leite de coco, elementos que singulariza a culinária baiana, o livro percorre o microcosmo da cozinha baiana no final do século XIX, destacando sua singularidade e predominância dos saberes africanos no sistema alimentar da capital, Salvador e do Recôncavo. Ao descrever, detalhadamente, a feitura dos alimentos e seus ingredientes, Querino revela conhecimentos ligados ao sagrado e à tradição destacada nas propriedades desses alimentos e a importância de seu conhecimento para formação étnica do país. A cozinha possui, nesses termos, uma centralidade tanto na constituição enquanto povo como na circulação e produção de conhecimentos.

Para compreender como Querino tomou como positivo o elemento africano na formação da nação, utilizei o conceito de modernidade negra para orientar as reflexões desta monografia (Guimarães, 2021, p.15) Ao dialogar com o conceito de Paul Gilroy (1993) de Atlântico Negro como contracultura da modernidade, Antônio Sérgio Guimarães faz referência a modernidade negra como um processo em que os negros, como grupo social subalternizado, passam a se autodefinir e ressignificam para si e para os outros o que é ser negro. (Guimarães,2021. p.15)

Para concluir, apresento uma breve descrição dos temas abordados nos capítulos. O capítulo 1 - Ideias e trânsitos do obscuro Manuel Querino – “Entre homens da ciencia”, trata da experiência e trânsitos de Querino nas instituições educacionais que se consolidaram no início da primeira república. Em uma perspectiva de sujeito-autor, o capítulo trata da vida e obra de Querino, buscando compreender as suas tomadas de decisões que possibilitaram que ele disputasse uma narrativa em torno do território da Salvador como cidade moderna. Querino foi um sujeito celebrado e respeitado em seu tempo. Exemplo disso é que a obra “A arte culinária na Bahia” (1928) foi publicada em homenagem póstuma ao escritor pelo Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Assim como ele também esteve em um lugar a margem entre os “homens da ciencia”. Para tecer os caminhos percorridos dentro dessas instituições,

utilizarei os seus principais biógrafos e os trabalhos que versam sobre a institucionalização de redes científicas que vão ser o epicentro das teorias raciais do século XIX.

No segundo capítulo, a obra “A arte culinária na Bahia” (1928), uso como fonte primária o texto de Querino de modo a compreender os seus elementos constitutivos e a maneira pela qual ele se relaciona com seus trabalhos anteriores em torno na produção de discurso-território no ideário da cidade moderna. A partir da capa das edições de 1928 e 1951, analiso a imagem da como Bahia preta velha, onde a culinária e atrelada a democracia racial que outro foi alvo de políticas higienistas, uma vez que a culinária baiana, muitas das vez como o Acarajé, que em dado momento só era comercializado depois de arriar a comida para o santo, esteve presente como alvo das políticas higienistas que pretendia desafricanizar a cidade da ordem e progresso.

O terceiro capítulo tem como título “Os desdobramentos da década de 30 e o pensamento de Manoel Querino”. Nele procurei compreender a ressonância e ausência do trabalho do autor no círculo dos intelectuais da década de 1930 que ajudaram a consolidar uma representação de nação mestiça. Esse é um importante componente da obra aqui estudada, a arte culinária na Bahia. Assim, por meio desses discursos busco compreender a representação discursiva desses intelectuais, presente outrora em Querino, para representação de uma baianidade do dendê. Tão ressaltadas nas obras literárias de Jorge Amado, que sempre tem uma forte ambientação da culinária e em poemas de Gilberto Freyre. Todos esses autores celebram, em certa medida, a feminilidade da cozinha baiana na construção do ideal da mãe preta e mulata.

## CAPÍTULO- I IDEIAS E TRÂNSITOS DO OBSCURO MANUEL QUERINO “ENTRE HOMENS DA SIENCIA”

Imagem 1 - Retrato pintado de Manuel Querino, Graça Ramos, acrílica sobre tela, 2005.



Fonte: Acervo da Escola de Belas Artes da UFBA

No dia 14 de fevereiro de 2023, a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos<sup>2</sup> dedicou uma missa em memória do centenário de falecimento de Manoel Querino. Um mês depois, o Instituto Geográfico da Bahia publicou uma nota cujo título revela uma intenção semelhante à da missa - Manuel Querino, um intelectual presente na profundidade de seu pensamento. Ambas instituições, em suas respectivas propriedades, são basilares para compreensão da composição social da Bahia no século XIX, como também são igualmente fundamentais para aprender os itinerários de Querino. Uma vez que esses estabelecimentos foram espaços em que o Professor, em vida e morte, esteve como presença significativa e imperativa em torno dos acontecimentos e debates que permeiam essas instituições na perspectiva povo do negro. Em vista disso, o objetivo deste capítulo é analisar a ressonância do pensamento de Querino para intelectualidade negra, a partir de sua presença em institutos e associações de modo a

---

<sup>2</sup> Na Bahia, a Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho se destaca como uma das instituições que conquistaram uma notável autonomia e resistiram aos desafios da época. Transformando sua origem como uma simples confraria de altar lateral e, no início do século XVIII, empreendeu a construção de sua própria igreja. (SANTOS,2018)

compreender como esses trânsitos foram o moldando e o construindo como intelectual significância e polivalência para uma antropologia-afro baiana.

No trabalho biográfico de Maria das Graças Leal, os caminhos percorridos por Querino e os elementos que ele decide destacar da vida cotidiana, dentro e fora desses estabelecimentos, entrelaçam-se com os desdobramentos da história da Bahia no início da implantação da primeira república. Isso indica, de forma imperativa, a maneira como Querino viveu e analisou o seu tempo. Nesse contexto, Leal define metodologicamente os textos produzidos por ele entre os anos de 1903 e 1916 como autobiográficos, sob a perspectiva de "sujeito-autor". Querino inaugura, neste momento, uma forma de registro articulada à memória e às pesquisas documental e oral, publicando artigos em jornais e organizando biografias de artistas baianos inviabilizados no programa civilizador da modernidade (Leal, 2016, p. 151).

Nessa acepção, a memória da cidade ganha corpo nos escritos do autor à medida que ele a percorre, mediando sua presença e as representações simbólicas que constituíam a maioria da população de Salvador no século XIX e início do século XX, nos estabelecimentos de ensino reprodutores de uma história oficial. Essa mediação construiu uma imagem de Querino em sua época, como afirmou Bernardino de Souza (1884-1949), sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a respeito de um retrato de Querino na galeria de homens ilustres da Casa Bahia<sup>3</sup>. Na ênfase de Bernardinho, a imagem do autor inaugurou juntamente com o do sábio brasileiro Nina Rodrigues, na Galeria dos nossos homens ilustres (Gledhill, 2011,p.132)<sup>4</sup>.

É possível perceber, a partir do destaque dado por Bernardinho Souza, um relativo prestígio de Querino ao ter seu quadro estampado ao lado de Nina Rodrigues (1862-1906), considerado o propulsor dos estudos africanológicos no Brasil. No entanto, os trabalhos de Nina Rodrigues foram privilegiados na antropologia no Brasil em detrimento dos textos de Querino, que, assim como outros intelectuais negros, foi colocado no papel de informante em uma antropologia que tem a necessidade de criar um "Outro" e de determinar quem tem a autoridade de narrar sobre esse "Outro". Isso está intimamente atrelado à estrutura colonial que possibilitou a delimitação do objeto de interesse da antropologia.

---

<sup>3</sup> Nome dado ao instituto histórico geográfico, que tinha por objetivo guardar e preservar a história local

<sup>4</sup> VIANNA, Antônio. "Manoel Querino". Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n 54, 1928, p. 305-316. Segundo Bernardino de Souza: "Na solenidade em que inauguramos o seu retrato, falou o confrade Antonio Viana, por ter se recusado irremovivelmente nosso grande Teixeira de Barros, verdadeiro abencerragem solitário, que não sabe quanto o venero e estimo pelo seu muito valor".

Essa relação política da apropriação dos estudos desses dois escritores no discurso antropológico foi aprofundada no trabalho “DO CONVÍVIO E COLABORAÇÃO DAS RAÇAS”, um elogio da mestiçagem e reabilitação do negro em Manuel Querino, de Carlos Reis. Não pretendemos, como plano central, desenvolver essa discussão já aprofundada por Reis, mas sim apresentar as mediações e escolhas empreendidas por Querino e como essas posturas refletem em um momento de redescoberta do autor para os estudos da trajetória do pensamento negro na perspectiva da autodeterminação de si como sujeito produtor de conhecimento.

Dentre essas escolhas, a maneira pela qual Querino registra a vida cotidiana e sua complexidade em um momento histórico compreendido em seus trabalhos como demolidor, em uma relação conflitante entre modernidade e tradição, configura como um material interessante para uma análise da antropologia das ideias (Peixoto 2008; Vilaça 2012). Um trabalho importante a respeito das escolhas teórico-metodológicas do autor que caminha nesse sentido é “O Uso de Fotografias de Africanos no Estudo Etnográfico de Manuel Querino”, de Christianne Vasconcellos. Neste estudo Vasconcelos procura compreender, a partir do ensaio etnográfico a raça africana e seus costumes na Bahia, o uso que Querino fez de terminologias do evolucionismo social e das fotografias para destacar os Africanos na contribuição da cultura baiana. Em relação a esse uso da memória para projetar as culturas africanas em uma época de intenso uso do racismo biológico, Reis coloca que:

Podemos apreender a figura de Manuel Querino em sua atuação para combater a “tentação do esquecimento” do negro, considerando-o como uma espécie de articulador das memórias negras “enquadradas” naquele momento. Ele se voltou para as mesmas como meio de combater o que considerava um perigo no seu presente e de reivindicar uma mudança nos espaços sociais e simbólicos destinados ao negro, ou como ele próprio mesmo disse, para consignar seu protesto “contra o modo desdenhoso e injusto por que se procura deprimir o africano, acoimando-o constantemente de boçal e rude”. (Reis, 2009, p .159)

A definição de articulador das memórias negras no texto indica a disputa de narrativa empreendida por Querino ao escolher o africano como tema. Considerando o contexto da Bahia no início do século XX, quando as elites baianas começaram a desenhar um processo de desafricanização das ruas de Salvador, sobretudo na religião e alimentação - desenvolvemos um pouco mais sobre esse tema no capítulo 03, ao contextualizar a arte

culinária na Bahia. Juntamente com a recente constituição de “redes científicas”, que se constituíram como um importante centro para o ideário de cientificidade que fundamentou as políticas de estado na organização da nova vida urbana (Schwartz, 1993; Silva, 2006), o texto revela um objetivo explícito em toda a biografia do autor de incluir, materialmente, em costume e espírito, o africano e afrodescendentes no projeto republicano. Ainda que contrapelo, a produção de seus escritos e a disputa dessa narrativa foram possíveis por meio de sua inserção nas instituições educacionais, assunto que discutiremos a seguir ao acompanhar a trajetória de Querino nas instituições educacionais e sua presença no associativismo negro.

### **1.1. Instituições e cientificidade - Dentro e fora dos homens ilustres**

A concepção de sujeito-autor (LEAL,2009) leva essa pesquisa para um outro texto, escrito por Lima Barreto, na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se da obra de domínio público, Diários íntimos (1900-1920), encontrado e organizado por sua irmã, Evangelina Barreto. Em 1903, Lima escreve em seu diário: “*Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade*”. No entremeio dessa projeção de si, o autor descreve o cotidiano, narrando os acontecimentos da cidade, capturando a complexidade da ilusão republicana a partir da perspectiva do afro- descendente mediante a uma subjetividade que não aceitava as condições sociais nas quais estavam circunscritas (Prado, 1993, p. 611)

A ilusão republicana em Lima e a modernidade demolidora em Querino, e o modo como ambos escolheram, em suas similitudes e dessemelhanças, transpor as idiossincrasias da república em textos etnográficos, memorialísticos, literários e autobiográficos em seus contextos específicos, revelam uma tradição da intelectualidade negra. Ainda nesse contexto de forte influência do racismo biológico, amalgamado pelo paradigma do evolucionismo e positivismo (SCHWARCZ, 1993). Embora não haja vestígio de um encontro entre Lima e Querino, e também não pretendemos aqui fazer um esforço imaginativo e extensivo para comparar ambas as obras, Lima aparece com a finalidade de ilustrar um solo de preocupação que se relaciona com Querino.

São desemanhetes os caminhos empreendidos por ambos, mas convergente fator o acesso à educação que lhes permitiram tecer textos sobre o negro nesse contexto. O que faz indagar aqui, nessa pesquisa, quais os caminhos e medições realizadas por Querino, a partir de suas escolhas, o colocou numa posição de referência, mas também de margem para seus estudos da formação racial do Brasil? .

"No livro 'Travessias no Atlântico Negro', Sabrina Gledhill propõe algo semelhante ao comparar as trajetórias de Booker T. Washington<sup>5</sup> (1856-1915) e Manuel Querino. Este estudo se insere em um momento de resgate da obra de Querino na discussão antropológica, afastando-o de uma visão essencialista que personifica o sujeito. Dessa maneira, Gledhill analisa a trajetória do intelectual brasileiro no contexto social do desenvolvimento das instituições científicas brasileiras em comparativo ao contexto que Washington estava inserido. Construindo, a partir disso, conexões entre esses intelectuais no oceano diaspórico. Ambos ingressaram na cultura letrada e, por meio das estratégias empreendidas nessas instituições, contrapuseram o ideário científico da época, construindo, por feio de fissuras na visão dominante, imagens dignas de pessoas pretas. Gledhill conclui, entretanto, que ambos intelectuais tiveram suas imagens dilapidadas e distorcidas após a morte.

Na produção dessa imagem, no Brasil, ocorria o estabelecimento tardio, em comparação aos Estados Unidos e outros países da América, das redes científicas e educacionais. Onde foram criadas importantes instituições, como o Instituto Legal de Medicina (1808) e os Institutos Histórico Geográficos, como o da Bahia, fundado em 1894. As noções científicas desses institutos, amalgamado ao conjunto de teorias raciais do século XIX, estabeleceram políticas higienistas para a população. Essas políticas expressavam o desejo de uma parte da elite ilustrada que objetivava higienizar a imagem do Brasil para que esse coubesse no quadro civilizatório da modernidade. Aproximando-se, dessa maneira, do reflexo português, de modo a construir distâncias do espelhamento africano. Se inscreve nesse momento também, a disputa entre homens de letras e homens da ciência na explicação, e produção discursivas das questões provenientes da nova ordem civilidade. A questão humana, da loucura e da

---

<sup>5</sup> Booker T. Washington foi um educador afro-americano, conhecido por ser o negro mais famoso do mundo por sentar na mesa com o presidente dos Estados Unidos no contexto de segregação racial. A posição de Washington foi vista como controvérsia por outros intelectuais negros, como W. E. B. Du Bois. Washington era um intelectual que advogou na defesa do ensino técnico para população negra no seu contexto. Em 1916, Querino o descreve, em páginas de jornais, como um genuíno representante da raça africana. (Gledhill, 2013, p 3)

urbanização do espaço público são centrais em torno desse debate. Tendo como principal expoente os estudos nas áreas de criminologia e alienação de Nina Rodrigues.

O médico Nina Rodrigues, assumindo um lugar de etnólogo vai estudar a presença africana no Brasil e, como um homem da ciência vai atribuir significados históricos a essas culturas africanas. Para ele, “os povos mestiços seriam mais dados ao desequilíbrio e, por isso, fadados a vícios e degenerações”. Mais ainda: o país todo estaria condenado ao fracasso em função da mestiçagem extremada de suas raças.” (Schwartz, 2004, p.3). Paralelamente, sob diferentes justificativas e uso das teorias raciais, ocorriam processos de embranquecimento, mestiçagem biológica e uma alta taxa de mortalidade da população. Tais fatores justificaram as pesquisas que apontavam para o desaparecimento do preto e do pardo na sociedade (Guimarães, 2004). Tanto no âmbito material, como cultural.

Ao longo do desenvolvimento das ciências sociais e do pensamento científico moderno, o sentido de embranquecimento e mestiçagem terão diferentes pressupostos e explicações. Querino, ao entrar nessas instituições vai tentar subverter as explicações de regressão da Bahia por sua marca africana e mestiça. Essa visão de inferioridade, por distintas explicações das teorias evolucionistas, positivistas e do darwinismo social, era o que estava posto em seu tempo de modo hegemônico. Os termos que Querino vai usar para reposicionar o Negro no ideário científico, mais tarde, vão ajudar a construir uma visão nacionalista de harmonia racial durante a Primeira República, como uma resposta aos determinismos que estavam atrelados a um ideário de embranquecimento (Alberto, 2021). Assim, Querino coloca:

Do convívio e colaboração das raças na feitura deste país procede esse elemento mestiço de todas as matizes, dando essa plêiade de homens de talento que, no geral, representam o que há de mais seleto nas afirmações do saber, verdadeiras glórias da nação. (Querino, 1918. p ... )

À vista disso, o pensamento de Querino é uma importante chave para compreender a negritude e a formação racial brasileira do ponto de vista da autodeterminação dos negros. A articulação histórica da celebração da mistura racial nos textos de Querino, em destaque a obra *A arte culinária na Bahia*, está associada à concepção de inclusão dos negros no pós-abolição. Ele vai articular as memórias negras, dentro de uma posição ambígua de estar dentro e fora dos homens de ciência no discurso científico. “Nesse contexto, a ciência era entendida quase como uma missão, tal a maneira que se vinculava ao Estado, ou melhor, ao que considerava ser as necessidades prementes do Estado”. (Schwartz, 2007, p 883)

Como já apresentado em sua biografia, para Querino a inclusão do africano na memória e no projeto republicano era uma necessidade premente do Estado. Nas instituições responsáveis por definir essas necessidades e encontrar soluções para o rumo do país, Querino é descrito como um mestiço sensível aos costumes e sentimentos dos africanos. Como escreve Frederico Edelweiss<sup>6</sup> no prefácio da terceira edição de *A Bahia De Outrora*:

Manuel Querino foi a estranha resultante das suas aspirações sociais reacionárias e do seu pendor para os estudos tradicionalistas. Nas primeiras estava fadado ao fracasso. Quantas vezes deve ouvido a frase feita ainda corriqueira: “Este negro não se enxerga!”. As reivindicações a favor dos seus irmãos de raça haviam de trazer-lhe simpatias e desafetos; mais desafetos. (Edelweiss, 1946, p 3)

A observação do historiador revela que nem sempre a descrição de sensível a causa dos irmãos de raça significava algo positivo para quem proferia. Sobretudo pelo lugar que Querino buscava estar. Assim como Lima Barreto que se projetou escrevendo uma história dos negros no Brasil em seu diário, Querino materializou as causas que lhe eram sensíveis em um ideário científico que negava o saber para sujeitos como ele. A posição que Querino ocupa nesse quadro dos homens da ciência é, de fato, paradoxal, uma vez que ele é celebrado ora como um herói, ora negado na compreensão da formação sociocultural do país, assim como os temas que ele decidiu destacar. Todavia, os lugares que Querino transitou, reivindicam sua memória. Neste caso, a negação é circunscrita à sistematização da sociologia e antropologia na estrutura das universidades ocidentalizadas (Grosfoguel, 2016)

## **1.2- Em condições de escrever - Discurso Educacional em Querino**

Os textos escritos por Querino dentro do instituto histórico geográfico estão entrelaçados por sua tese do Africano e afro-brasileiro como fator de civilização. Essa concepção aparece explicitamente no *O Colono Preto Como Fator de Civilização Brasileira* (1918), *Arte Culinária Na Bahia* (1928) e *Costumes africanos no Brasil* (1938)<sup>7</sup>. Esses textos fazem parte do segundo momento da trajetória intelectual do autor, que é dividida pelos seus biógrafos em duas fases: a primeira, entre 1903 e 1916, em que ele tematiza como plano central a inclusão dos artistas baianos, inviabilizados no projeto republicano, sob uma perspectiva trabalhista

---

<sup>6</sup> Frederico Edelweiss (1892-1976) foi um historiador baiano, especializado em estudos tupi-guarani. O historiador foi um dos fundadores e docentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade Federal da Bahia.

<sup>7</sup> Essas datas são referentes ao ano de publicação.

advinda da sua experiência na liga operária(1890). E a segunda fase, entre 1916 e 1922, momento em que ele ocupa-se em registrar as memórias negras presente nos costumes africanos. Sendo esta fase atrelada a um momento da “velhice do autor em que ele espiritualizou-se” (Edelweiss, 1946, p 3).

Nascido em Santo Amaro da Purificação, em 28 de julho de 1851, teve sua vida marcada logo na infância, com a morte dos pais quando ele tinha apenas quatro anos de idade. Luzia da Rocha Pita e José Joaquim dos Santos Querino, seus pais, foram acometidos pela epidemia da cólera que assolou a Bahia em 1855. Depois dessa perda, Querino foi entregue à uma família branca de classe média pelo juiz dos órfãos para o Bacharel Manuel Correia (1815-1890), que era doutor em filosofia na Alemanha, o introduziu à cultura letrada e ao ofício de pintor. Assim como muitos órfãos expostos ao império luso-brasileiro, Querino foi dirigido ao ensino técnico.

O acesso à educação e o apadrinhamento de seu tutor, que também suspeitava ser seu pai biológico, levaram-no ao mundo dos livros e dos documentos históricos. A vasta biografia de Querino nos permite inferir, e os trabalhos significativos sobre a história da educação e da história da arte (Freire, 2010; Lemos, 2019) nos informam sobre a importância atribuída por Querino à sua formação educacional, compreendendo-a como essencial para si e para seus pares.

No seu itinerário formativo, Querino foi inserido no curso de desenho pelo seu tutor. Depois disso, foi diplomado na Escola de Belas Artes. Tornou-se professor de desenho na Escola de Órfãos de São Joaquim (1895-1923), onde permaneceu até sua morte, e também no Liceu de Artes e Ofícios em 1905. Tanto o Liceu, fundado em 1872, quanto a escola São Joaquim (1799), foram, nos primeiros anos da república e no fim do império, importantes espaços de sociabilidade e debate sobre uma recente questão da educação. Assim, são os principais centros difusores de conhecimento artístico e profissional destinados à população pobre.

Esse é um momento de investidas para construção de um sistema de educação no Estado e de reivindicação dos professores baianos para expansão da escola elementar na primeira república. Aqui, a educação ganha relativa importância no discurso do estado para construção

de um estado nação (CARVALHO, 1972. p 2). A preocupação da instrução em Querino estava em seu percurso individual, como também na dos pares, sobretudo no que refere-se à classe artística. Expõe isso em jornais e na participação em associações negras, como a sociedade protetora desvalidos que, dentre suas funções, teve o trabalho de supervisionar e garantir o acesso da educação dos órfãos.

Fundada em 16 setembro de 1832, a sociedade protetora dos desvalidos constitui um importante espaço de solidariedade negra e ação política. Admitindo apenas sócios efetivos todos os cidadãos de cor preta, a SPD tinha o objetivo de garantir dignidade a esses sujeitos por meio de proteção contra eventualidades, tais como doenças, incapacidade, envelhecimento ou prisão, por meio de ajuda financeira, benefícios de pensão e aposentadoria, além do suporte oferecido a viúvas e órfãos, desempenhou um papel vital para os trabalhadores de ascendência africana nas últimas décadas do século XIX.

A passagem de Querino pela SPD foi um tanto conturbada, embora hoje possamos encontrar um quadro do professor no salão da SPD, no pelourinho. Ele teve o seu pedido de remição negado algumas vezes por questões políticas, como a sua aposta no regime republicano - A defesa da república não era um consenso entre os membros da associação. Querino ingressou na instituição em 1877, com 26 anos, e nela “militou por uma educação democrática, pois acreditava que era a principal ferramenta de ascensão social, intelectual e profissional para as classes populares, principalmente a de cor” (Ribeiro, ano, p. 35). A SPD constitua-se como um importante espaço de aprendizagem para os trabalhadores negros no final do século XVI. E por isso, um lugar que possibilitou, ainda que com limites, a participação dos negros no jogo político, tendo em vista as discussões sobre acesso ao voto apenas para alfabetizados naquele contexto.

Manuel Querino era visto como um dos membros da associação que desfrutava de um certo prestígio político na sociedade baiana, tendo acesso a diversos lugares que compunham tanto os espaços organizados pelo povo negro, como o candomblé, quanto dentro de instituições hegemônicas de uma elite ilustrada. Ele transitava desde a liderança de um grupo carnavalesco, os Pândegos d’África<sup>8</sup>, até o cargo de vereador. Aqui, Querino assumia uma

---

<sup>8</sup> O grupo Pândegos de África surgiu em 1897, junto com outros grupos carnavalescos que tinham a finalidade de ressaltar a cultura africana. O clube foi fundado por Bibiano Cupim, mestre de obra e banqueiro do jogo do

postura de um intermediador cultural, um etnólogo próximo, que, a partir da sensibilização tão destacada nas descrições feitas dele, escreveu memórias negras no percurso dos seus trânsitos entre esses espaços.

Pelos esforços empreendidos por Querino, notamos a SPD como um espaço importante para à produção do seus escritos, uma vez que “ser sócio da SPD trazia privilégios para um grupo específico de trabalhadores de cor, que além de lutarem constantemente pela sobrevivência, estavam dispostos a usufruir de sua cidadania nas últimas décadas do século XIX.” (Ribeiro, 2018, p 87)

### **1.3- Uma homenagem do Instituto Histórico Geográfico**

A publicação do livro “A Arte Culinária na Bahia” (1928) foi uma homenagem póstuma a Manuel Querino. Os espaços educacionais e de circulação da cultura africana, conforme apresentamos, o consolidaram como um escritor de grande importância para esses ambientes em sua época. Tanto é verdade que sua memória foi resgatada em 1928, por meio da primeira publicação da obra aqui estudada. No Instituto Histórico Geográfico, na qualidade de sócio fundador, Querino produziu trabalhos associados à segunda fase de sua produção intelectual, os quais foram fundamentais para o resgate e documentação dos costumes africanos na Bahia. Isso contrasta com os diagnósticos produzidos pelos homens da ciência, que viam essas manifestações como um problema.

Conhecido como “a casa da Bahia”, entre os anos de 1894 e 1930, o Instituto Histórico Geográfico se consolidou como uma das mais importantes instituições baianas. Assim como os institutos de outros estados, a instituição funcionava como uma espécie de guardião da história oficial (Schwartz, 1993, p. 131). Orientado por uma cientificidade política, o instituto tinha dois objetivos centrais: escrever uma história da Bahia a partir de conhecimentos históricos e geográficos e, por meio disso, inserir a sociedade baiana no projeto civilizador.

---

bicho. Em 1900, o clube elegeu Querino como presidente. Querino teria convivido com Cupim no terreiro de Gantois e na ordem terceira do rosário dos homens pretos. (Albuquerque, 2009, p.220-20221; Lima, 2010, p.94).

Em uma sociedade majoritariamente africana e mestiça, os membros do IGHB se depararam com o dilema de civilizar-se, modernizar-se, a despeito do europeu. Diante desse impasse, a instituição torna-se um espaço propício para pensar a questão racial (Silva, 2006). E nela, em meio a hegemonia das teorias raciais, Querino se insere pelo prestígio de sua trajetória anteriormente apresentada. Ainda que de modo paradoxal, esse foi um espaço que os negros se inseriam, como aponta Guimarães sobre o destino dos intelectuais negros:

lugar de onde podiam falar com autoridade, os seus espaços de consagração, eram os Institutos Históricos e os Congressos Afro-Brasileiros. A sua legitimidade baseava-se quase exclusivamente no acesso privilegiado que tinham às fontes e às pessoas sobre as quais escreviam (artesãos, festeiros populares, africanos, pais e mães-de-santo).(Guimarães,2004, p.9 )

O lugar do qual Querino fala, que é dessa proximidade com os temas percorridos por ele, foi intensamente destacado nos prefácios dos seus livros por seus pares de instituição na mesma medida da descrição de falta de rigor científico. Entretanto, para esta monografia, esse lugar de proximidade é fundamental para analisar a produção de um discurso de autodeterminação dos negros nesse contexto. Nesse sentido, voltando para o livro *A arte Culinária na Bahia* (1928), para pensar a seguinte questão: como se deu a produção de um discurso-território em torno da circulação da culinária afro-brasileira na produção da cidade moderna a partir da tese defendida por Querino em *A arte culinária na Bahia* (1928)?

## CAPÍTULO 2 - UMA OBRA PARA APRESENTAR A BAHIA

### 2.1 A arte culinária na Bahia

A obra *A Arte Culinária na Bahia* (1928) é um trabalho de miudezas descritivas da culinária baiana. A necessidade da composição da monografia advém, segundo Manuel Querino, da singularidade da culinária em comparação a outros estados. Este foi um trabalho produzido entre os trânsitos do autor do norte ao sul do país. No universo dessa distinção da comida baiana está a fusão do português, do indígena e do africano. Sendo o último o introdutor de elementos e técnicas que modificou os insumos da base alimentar dos indígenas e aperfeiçoou toda a culinária portuguesa. Garantido, desse modo, a Bahia a superioridade e primazia da arte culinária no país.

Não pretendemos ler esse texto de Querino com um olhar totalizante sobre a produção da alimentação na Bahia e suas pertenças. Nosso interesse é compreender os elementos constitutivos do texto de Querino que valorizam o trabalho ao pé do fogão, de modo a compreender a produção do discurso sobre a circulação da culinária afro-brasileira na cidade moderna. Na perspectiva do autor, que versa sobre a inclusão dos negros no projeto republicano de cidade, é na alimentação, no ato de comer e compartilhar comida, que o encontro das três raças pode ser celebrado com cânticos

Essa compreensão do encontro com a diferença na experiência colonial presente no texto de Querino não é isolada. Na década de 30, como apresentaremos no próximo capítulo, a Bahia foi vista como um lugar singular para as relações raciais no discurso antropológico, que identificou uma simbiose cultural nesse encontro nas ruas da cidade. De modo a construir teses que definem que não se encontra na Bahia um preconceito de raça, mas sim de classe<sup>9</sup>.

Assim como a celebração do encontro cultural das três raças está presente no discurso da nacionalidade e nas acepções antropológicas da década de 30, a primazia da culinária baiana está presente na experiência social. Como afirma Bernardino no prefácio da edição de 1928:

---

<sup>9</sup> PIERSON, D. **Branco e pretos na Bahia (estudo de contacto racial)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

o vatapá e o caruru da nossa Bahia, são como espécies de sinais nacionais que despertam em nossos espíritos excelentes representações de um certo número de traços pertinentes às coletividades. Esses sinais nacionais produzem, em certa medida, um sentimento de pertença dos sujeitos no que ficou conhecido como baianidade do dendê. Nesse aspecto, a identidade baiana é construída a partir de componentes como proximidade/afinidade, atração sensorial e espiritualidade, evocando uma comunidade associada a uma história lembrada e profundamente conectada ao legado africano (Machado, 2012; Moura, 2001).

Nesse sentido, o componente africano na base da alimentação baiana compõem uma representação de pertença no território de identidade. A Bahia foi assim apresentada para o mundo pela baianidade do dendê, como fica explícito nos versos dos novos baianos: “o Tio Sam anda dizendo que o molho da baiana melhorou seu prato”. Composta por Assis Valente<sup>10</sup>, o samba-exaltação, que tem por característica a exaltação de aspectos positivos, patrióticos e culturais do Brasil, utiliza o trabalho da baiana como algo da Bahia que deve ser consumido e apreciado mundo afora, assim como a musicalidade brasileira. Correspondendo, dessa maneira, à ideia de primazia da arte culinária na Bahia. O texto de Querino, escrito em 1922 e publicado pela primeira vez em 1928, foi elaborado para defender a tese da excelência da culinária baiana e sua correspondência na formação étnica do país. Esse foi um trabalho pensado para fora do estado, uma vez que o autor afirma que a miudezas descritivas contidas na obra é dispensável para os seus conterrâneos.

Trata-se de práticas cotidianas do preparo e consumo de alimentação presente na vida ordinária dos sujeitos baianos. A partir da sabedoria popular, no uso da terra e no desenvolvimento de técnicas culinárias, o texto de Querino foi construído por meio da interlocução desses sujeitos que resguarda o conhecimento culinário na diáspora Africana. Assim, Querino constrói uma atribuição de alimentos puramente africanos que, segundo o seu

---

<sup>10</sup> Assis Valente foi um compositor baiano, conterrâneo de Manuel Querino. Nascido em 19 de março de 1911. A sua música Brasil Pandeiro faz parte dos chamados samba-exaltação. A expressão "samba-exaltação" teve origem em 1939. Contudo, a concepção de sambas que prestavam homenagens a algo já estava presente desde o início da década de 1930, durante a presidência de Getúlio Vargas. Nessa época, os compositores começaram a criar letras que enaltecem o Brasil e o governo.

texto, são alimento usado em abundância pelos africanos e continuados pelos seus descendentes. Dentre eles, o caruru:

Em seu preparo observa-se o mesmo processo do efó, podendo ser feito de quiabos, mostarda ou de taioba, ou de oió, ou de outras gramíneas que a isso se prestem, como sejam as folhas dos arbustos conhecidos nesta Capital, por unha de gato, bertália, bredo de Santo Antônio, Capéba, etc. (\*) às quais se adicionam a garoupa, o peixe assado ou a carne de charque e um pouco d'água que se não deixa secar ao fogo. O caruru é ingerido com acaçá ou farinha de mandioca. (QUERINO,1928. p.35)

A intensificação do tráfico de pessoas escravizadas na segunda metade do século XVIII provocou a entrada de plantas alimentares da África ocidental. Sendo as mais populosas o quiabo de angola e o caruru da Guiné (CASCUDO, 2004 p 233). A descrição de Querino difere do que hoje conhecemos por caruru na Bahia. O preparo do caruru apresentado por ele assemelha-se ao Calulu, prato típico de Angola e São Tomé. Na culinária afro-brasileira, o caruru está ligado às tradições do caruru de sete meninos, destinado às divindades gêmeas, os Ibejis e São Cosme e Damião. No candomblé, como conta Nancy de Souza, no livro “Cozinhando história: receitas, histórias e mitos de pratos afro-brasileiros”, a origem do caruru está na história de Xangô. Segundo o Itan, Exu Ijélú sempre roubava uma comida de Xangô: o “amalá”, iguaria semelhante ao caruru, só que feita com carne e pimenta. Um dos filhos de Xangô, os Ibejis, propôs um desafio a Exu: se ele parasse de dançar antes deles, nunca mais ele comeria o amalá. Na prova, ele se revezou com o gêmeo até Exu cansar. Como recompensa, os Ibejis pediram a Xangô que o amalá fosse sempre feito para eles sem carne e sem pimenta, dando origem ao caruru.

Assim, o caruru, que também é chamado de comida baiana, ficou popularmente conhecido e disseminado como um conjunto de alimentos: vatapá, pipoca, xinxim de galinha, acarajé, farofa de azeite, oferecido às divindades. A festa, que vai além do caruru, é também uma forma de considerar a infância sagrada (Caetano, 2014). Dessa forma, celebrar e oferecer comida é uma maneira de pulsar memórias africanas presentes nos terreiros e nos ofícios das baianas de acarajé. A cidade é marcada por esse pulsar em sua organização sócio espacial, refletido nos festejos que se originam do Ilê, indo para as ruas ou sendo modificados nelas. A exemplo, a festa de Santa Bárbara, que acontece em 04 de dezembro nas ruas do Pelourinho:

Historicamente, a festa de Santa Bárbara em Salvador foi uma devoção popular que cresceu graças ao empenho dos africanos e crioulos do antigo morgado. Como o festejo não estava sob o controle da Igreja Católica (presente na festa apenas na

figura do padre responsável por celebrar a missa da santa), o samba, a capoeira, as comidas e bebidas foram incorporados às manifestações populares durante a festa. O dia 04 de dezembro era um momento propício para extravasar e romper (ainda que temporariamente) com a estrutura social imposta. Nesse sentido, a festa se apresenta como um modo de transgressão das regras estabelecidas. (Mascarin, 2019, p.9)

No festejo de Santa Bárbara, os traços culturais afrodescendentes aparecem na tradição de distribuir acarajés e servir caruru de promessas. Celebrar as divindades com comida faz parte da cosmologia do povo de santo, que herdou a tradição africana de dançar e comer junto com as divindades. Essas manifestações, que acontecem nas ruas, transgridem o espaço da cidade moderna à luz da secularização. Nesse aspecto, a circulação de alimentação associada à ancestralidade africana faz parte desse processo.

O trabalho pioneiro de Querino se relaciona com preparos de comidas que estão relacionadas a esse sagrado, como o caruru, efó, ebô, Ekuru e acarajé. Em outro texto do autor, *A Bahia de Outrora* (1916), ele descreve os festejos que tem como composição as comidas oferecidas para santo, como a festa da mãe d'água que durava quinze dias, nos quais abundavam os batuques (candomblés), o efó, o abará, o carneiro, o bode, etc., com azeite de dendê. (QUERINO, 1916, p 127) Assim ele descreve:

Em certo dia, Ataré anunciava à multidão que se iam realizar as homenagens à mãe d'água, e uma grande talha ou pote de barro cozido se enchia logo de presentes, como fôssem: pentes, frascos de pomada, frascos de cheiro, côvados de fazendas e era atirada ao mar, na meia travessa, ponto muito conhecido dos marinheiros, principalmente quando reina vento forte. Estava, pois, concluída a festa da mãe d'água e os festeiros se recolhiam às casas do senhorio. (QUERINO, 1916, p 127)

A descrição da festa da Mãe d'Água neste texto anuncia a compreensão que Querino tem de uma culinária baiana aprimorada pelos africanos é estreitamente ligada à comida de santo. Na produção dos seus escritos que versam sobre uma memória negra na formação na construção material e espiritual da cidade, ele inverte a lógica dos estudos raciais e versa sobre uma Bahia que desobedece a intensa secularização das cidades em um aspecto de afirmação. No discurso científico, a africanização da cultura brasileira corresponde a uma regressão. Diante dessas formulações, a ideologia do embranquecimento opera na tentativa de descaracterizar as marcas africanas mediante a lógica da dominação que visa a dominação da negrada mediante a internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais (GONZALEZ, 1988, p 15)

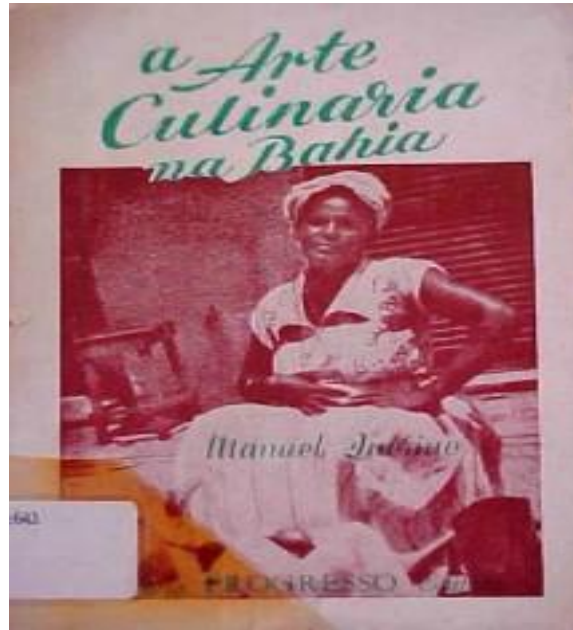
O sentido do embranquecimento cultural foi amplamente discutido pela teoria antropológica da década de 1930. Querino é resgatado, e também negado na teoria antropológica por seu um sujeito que em sua trajetória falou das marcas africanas em um lugar de proximidade, utilizando as memórias e oralidade na construção do seu escrito. Segundo sua biografia, o conteúdo da obra aqui estudada foi construído em colaboração das mulheres da sua família e pela sua posição de Ogã no terreiro do Gantois, e certamente este importante cargo na hierarquia masculina possibilitou um maior contato com as memórias e as maneiras de se preservar as muitas tradições de matriz africana e, em especial, a Ioruba e a Fon/Ewe (Albuquerque,2009, p.220-221; Lody,2016).

Na produção desta Bahia, que nega a secularização e, posteriormente, será apresentada como uma experiência singular das relações raciais, o ofício de cozinheiras negras será utilizado para representar esse discurso na construção do lugar natural da mãe preta, como discutido por Lélia Gonzalez no texto “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, onde a autora busca compreender como a mulher negra é situada no discurso da democracia racial. A circulação da produção de alimentação afro-brasileira nas cidades assume uma dimensão feminina do período colonial à República. Essa imagem, como veremos, será representada de diferentes formas na concepção da Bahia e no ideário modernizador.

Embora Querino não deixe explícita em seu texto a centralidade das mulheres na produção da culinária baiana, sendo identificada apenas uma marca de gênero em algumas passagens, ele destaca especificamente a contribuição das mulheres religiosas para a elaboração de uma culinária singular na Bahia. Utilizamos o texto "Cidade das Mulheres" (Ruth Landes), as capas das edições de 1951 e 1958 da obra “A Arte Culinária na Bahia”, juntamente com estudos contemporâneos sobre cozinheiras negras, para situar essas mulheres na produção do discurso sobre alimentação e identidade nacional.

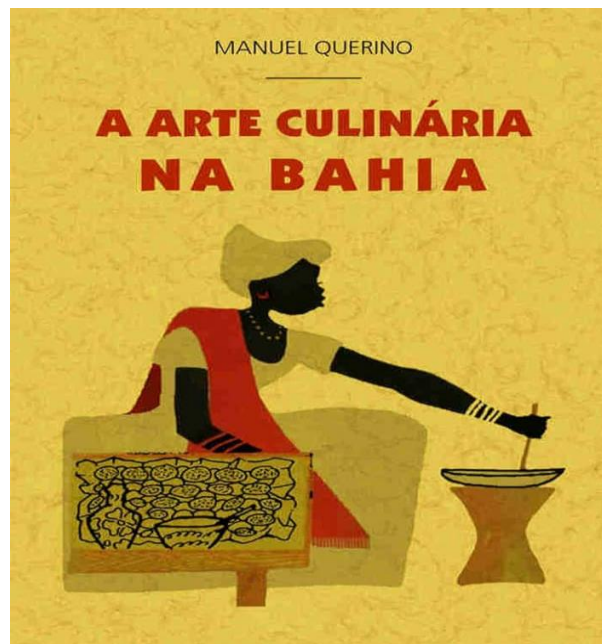
## **2.2- Imagem da preta velha - Mulheres negras e culinária na Bahia**

Imagem 2 – Capa da segunda edição,1951.



Fonte: a autoria da fotografia não foi encontrada.

Imagem 3 - Capa da terceira edição



Fonte: ilustração de Carybé e Ligia

Em abril de 2014, às baianas de acarajé travaram uma luta contra uma medida da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) que proibia o posicionamento de tabuleiros de acarajé nas intermediações da Fonte Nova. O Brasil, como país-sede da Copa do Mundo de 2014, foi permeado pela evidência de conflitos socioespaciais; isto é, as expressões “limpeza social” e “higienização” estavam em circulação no debate público com relativa intensidade. Tal fato fica explícito nas matérias da época que noticiavam a retirada, forçada, de moradores de rua das áreas centrais de algumas capitais.

Na cidade de Salvador, de maneira distinta, há uma tentativa de afastamento da circulação e comercialização das acarajés na área central sob uma ótica de prevenção, onde o tacho quente de dendê é entendido como um problema na circulação do espaço. Essa medida fez com que a associação de baianas produzissem um discurso a respeito dos lugares que lhes são próprios, de modo garantir a comercialização do seu alimento em áreas centrais do evento. Como pode ser percebido na fala de Tânia Nery em entrevista para Folha de São Paulo: “Fui bem clara para prefeitura que eu não ia sair do meu lugar.”<sup>11</sup>

O discurso de que quitadeiras e baianas de acarajés estão fora de um lugar adequado para a comercialização dos alimentos faz parte de um longo processo do projeto urbanístico das cidades das grandes avenidas. Tendo, na Bahia, o projeto de reurbanização de José Seabra<sup>12</sup> como principal expressão desse processo. “Essa reforma adotada por Seabra, não era apenas física, material, envolvia também uma transformação moral. Significa dizer, a moralização das ruas, com a retirada principalmente das vendedeiras de rua, taxadas como mal educadas, briguentas e desarrumadas” (Borges,2008, p.34).

Na produção dessa moralização é possível perceber a construção discursiva acerca do trabalho culinário desenvolvido, majoritariamente, por mulheres negras. Nos jornais do sul, a Bahia aparece como a “preta velha” caricaturando o estado da Bahia como uma baiana gorda, de turbante e fazedora de angu (Alberto,2017, p 173). Essa descrição é amalgamada a ideia de

---

<sup>11</sup> Tânia Nery foi uma baiana de acarajé, a terceira de três gerações que comercializa seus produtos, acarajé, bolinho de estudante e cocada no farol da Barra em Salvador.

<sup>12</sup> O governador J. J. Seabra deixou sua marca ao alargar ruas e demolir monumentos, tudo em busca de uma profunda mudança na imagem da cidade. Seu discurso, impregnado de ideologia, tinha como meta não apenas persuadir a população a aceitar as transformações visíveis, mas também reconfigurar representações fictícias e científicas. Isso era particularmente evidente nas teses da Faculdade de Medicina, que enfatizavam o higienismo. Este último não apenas moldava o pensamento da intelectualidade, mas também estava intrinsecamente ligado aos conceitos de ordem e civilidade que permeavam a época.

regresso da Bahia por sua marca africana, expressa aqui como negra e feminina. Contrapondo a projeção da cidade de Salvador moderna para o século XX, que tinha por ambição a demolição do centro antigo e a desaffricanização das ruas.

As reformas dessa época percebiam as mulheres de descendência africana na cidade como uma ameaça à respeitável ordem social patriarcal. Quanto à categorização das políticas sanitárias, os alimentos comercializados por essas mulheres eram considerados sujos, e a localização de suas vendas, um estorvo para o trânsito de pessoas. Por conta disso, essas mulheres foram submetidas a diversas medidas repressivas, assim como toda a cultura afro-brasileira naquele contexto.

Além das justificativas do parecer médico sanitário, o trabalho culinário desenvolvido nas ruas estava em constante vigilância por sua intrínseca ligação com o candomblé. Nas ruas, algumas quitandeiras anunciavam suas mercadorias em Iorubá.’’ Muitas vezes, essas mulheres eram jovens iniciadas que usavam seu ganho para cumprir suas obrigações religiosas (Alberto, 2017, p 180). Essa ligação também foi associada a feitiçaria na produção desses alimentos, sobretudo os produzidos pelas baianas de acarajé, como mostra Borges na dissertação *acarajé, tradição e modernidade*:

A crença na disseminação da feitiçaria através dos alimentos não é recente. Nina Rodrigues, em “O animismo e fetichismo dos negros baianos” (RODRIGUES, 2005,66), citou um caso em que uma mulher disse ter adoecido por causa de um torrão de açúcar “preparado”. No caso do acarajé “preparado”, o objetivo principal não é trazer danos a quem o consome, e sim prosperidade a quem o vende. Daí o fato, de se comentar que o sucesso de algumas vendedoras de acarajé, ser fruto desse tipo de magia.<sup>13</sup> (Borges, 2008, p 25)

A crença de que comer acarajé traz malefícios para saúde física e espiritual foi uma construção do século XIX e que, atualmente, é reproduzida por lideranças neopentecostais. Nasce, dessa crença, o bolinho de Jesus. No trabalho *acarajé, tradição e modernidade*, Borges busca compreender o significado do acarajé para os neopentecostais na ressignificação dadas por eles de bolinho de Jesus. Essa ressignificação, segundo o autor, faz parte da batalha espiritual empreendida pelo grupo que visa destituir e deslegitimar os elementos simbólicos da religião

---

<sup>13</sup> O governador J. J. Seabra deixou sua marca ao alargar ruas e demolir monumentos, tudo em busca de uma profunda mudança na imagem da cidade. Seu discurso, impregnado de ideologia, tinha como meta não apenas persuadir a população a aceitar as transformações visíveis, mas também reconfigurar representações fictícias e científicas. Isso era particularmente evidente nas teses da Faculdade de Medicina, que enfatizavam o higienismo. Este último não apenas moldava o pensamento da intelectualidade, mas também estava intrinsecamente ligado aos conceitos de ordem e civilidade que permeavam a época.

afro-brasileira. Dando continuidade, de certa forma, as ideais de desafricanizar a cultura baiana por meio do racismo religioso.

Na monografia de Querino, conforme apresentamos anteriormente ao explorar a construção do seu olhar sobre a culinária baiana, identificamos uma indissociabilidade entre os elementos da culinária baiana e o candomblé. Essa ligação produz uma singularidade na comida baiana que sobrepuja os elementos de outras culturas. Sobre essa ligação no território da Bahia, Câmara Cascudo explica em “A História da Alimentação no Brasil” que “ter-se-ia verificado na cidade de Salvador uma concentração negra mais homogênea, mais íntima e possibilitadora da defesa das velhas comidas africanas do que em outras paisagens. Seria ao redor dos candomblés, do culto jejê-nagô, que a cozinha pôde manter elementos primários de sua sobrevivência.” (Cascudo, 2004, p. 304)

Na perspectiva de ambos os autores, é na cozinha, intimamente ligada ao sagrado, que as memórias africanas sobrevivem e se territorializam. No entanto, ao contrário de Manuel Querino, Cascudo percebe uma predominância dos elementos portugueses no sistema alimentar do Brasil. Para Querino, todavia, a marca da fusão cultural entre indígenas, portugueses e africanos, destacando especialmente este último, compõe a formação étnica do Brasil.

Como apresentado aqui, a partir de um estudo sobre alimentação no projeto modernizador das cidades, este é um espaço geográfico onde mulheres negras preservaram o conhecimento na preparação desses alimentos, mas que também são representadas no ideário sanitaria e, posteriormente, na utopia da mestiçagem como um pilar da representação da Bahia. Quando se trata da batalha espiritual, expressa na produção do bolinho de Jesus, por exemplo, é a imagem da mãe ou filha de santo que é associada ao infortúnio da “feitiçaria”.

Para além deste lugar de feitiçaria e sujeira, associado à alimentação, as mulheres de santo também foram vistas como um papel crucial na organização e produção de uma memória africana. Como nos informa a antropóloga Ruth Landes ao descrever o caráter matriarcal do candomblé. A pesquisa etnográfica realizada entre os anos de 1938 e 1939, nos terreiros Gantois, Opô Afonjá, e Engenho Velho, destaca o poder e centralidade dessas mulheres na organização do candomblé. Embora essa etnografia seja bastante criticada por conta de uma concepção totalizante dessa centralidade das mulheres e por uma ideia de sensibilização

distorcidas, o estudo contrapõem às apelações antropológica da sua época que a “visão corrente era a de que a dominação masculina, vigente na sociedade brasileira como um todo, era também vigente nos cultos afro-brasileiros”.

A partir dessa clivagem de gênero, a autora narra a importância das mulheres negras na cidade de Salvador. Segundo suas observações, essas mulheres construíram uma experiência de vida significativa no entremeio da vida nos terreiros e nas ruas. Isso significa que as formas de organização dos terreiros, saberes e práticas alimentares se estendem às ruas, produzindo uma territorialidade negra nas cidades. Na década de 1930, diante do olhar estrangeiro sobre a democracia racial, este será o primeiro trabalho antropológico a pensar nas mulheres negras a partir de suas próprias referências. Até então, a discussão envolvia essas mulheres sob o olhar estrangeiro masculino que conformou o modo de produção delas nas relações raciais, associando-as somente à sujeira e à subalternidade. Ou, ainda, ao erotismo.

O texto de Querino perpassa por positivar, de uma forma mais ampla, a culinária e sua contribuição para a formação étnica, em estreita ligação com o sagrado afro-brasileiro. Logo, esses saberes que circulam nas cozinhas de terreiro, nas ruas e são registrados em seu escrito, compuseram a identidade baiana em seu caráter mestiço. A subalternidade desses alimentos, vistos como sujos, no entanto, perpassa pela subalternização das sujeitas que os produzem. Dessa maneira, positivar o conhecimento desses alimentos perpassa também a refletir sobre a contribuição dessas mulheres na mediação desses alimentos nas cidades.

### **2.3 Angu de quitandeira - O trabalho de cozinheira negras**

Imagem 4 - ...



A pintura de Jean-Baptiste, retrata as quitadeiras na cidade do Rio de Janeiro entre 1768-1848. As mulheres são descritas como “anjos negros” comerciantes que vendiam alimentos a baixo preço para outros trabalhadores, exercendo um trabalho social e sendo uma importante fonte de subsistência para a população escravizada. No entanto, Taís Machado, no livro “Um Pé na Cozinha: Um Olhar Sócio-Histórico para o Trabalho de Cozinheiras Negras no Brasil”, critica essa representação, descrevendo a imagem e a descrição de “anjo negro” como problemáticas, uma vez que representam uma tranquilidade infundada para o contexto em que essas mulheres estavam inseridas (MACHADO, 2022, p.84)

Na crítica apresentada pela autora, essas mulheres disputaram esse espaço urbano de forma conflitante em meio a políticas repressivas, como no caso de Salvador:

No caso de Salvador, por exemplo, ganhadeiras e comerciantes foram identificadas como participantes de diversos levantes, como a revolta dos malês, o que implicou uma política mais repressiva sobre o trânsito dessas mulheres na cidade, especialmente quando eram africanas (parte de uma política de desafricanização da cidade). Ainda que não seja possível se ela participou da revolta dos malês, um caso digno de nota é Luiza Mahin, mãe do poeta e jornalista e advogado abolicionista Luiz Gama. Luiza foi descrita por ele em uma carta como uma quitadeira africana que morava na Bahia e se envolvia com planos de insurreição negra no século XIX. (Machado, 2022, p 82)

Longe de um cenário tranquilo para a circulação dos alimentos, essas mulheres disputam o território da cidade diante de uma rotina brutal que vai se estender do período colonial a toda república, com as políticas sanitárias e as investidas atualizadas de desafricanização da

cidade, uma vez que esse trabalho vai ser associado ao candomblé, como apresentamos anteriormente. Pensando nisso, como essas mulheres participam do processo civilizatório nas cidades modernas que tem, segundo o escrito de Querino, a alimentação como um importante competente étnico na formação nacional? Onde estão essas mulheres nos texto de Querino que defende a experiência africana como um elemento colonizador?

Embora o objetivo dessa monografia não seja pensar a condição de trabalho especificamente, essa condição aparece aqui como uma experiência que vai fundamentar os discursos sobre a produção de alimentação no território da cidade no contexto de afirmação de uma identidade africana e da mestiçagem como utopia. Seja representando essa mulher como um anjo negro-isto é, a mãe preta que alimenta a população com seu tabuleiro. Ou como uma experiência feminina que vai exercer um poder a partir das suas relações sociais e religiosas na cidade, como é o caso da leitura das cidades das mulheres de Ruth Landes. Ou as duas coisas juntas, sem uma linha divisória muito clara.

Para Querino, o angu de Quitandeira, junto do caruru, efò e do mocotó, são motivos de orgulho para os baianos (Querino, 1928, p. 26). O olhar de Querino sobre a alimentação é fundamentado na concepção positiva da mestiçagem, uma celebração e orgulho nacional, conforme justifica sua construção intelectual no final do século XIX. O interessante nessa obra é perceber que, mais que uma afirmação contrária às explicações da sua época. A culinária é percebida como um tipo de conhecimento diaspórico, sagrado e que produz uma experiência da cosmovisão africana nas ruas da cidade, uma vez que o comer não está isento da estrutura simbólica.

Embora Manuel Querino reconheça que as mulheres fazem parte desse processo de transmissão e continuidade de conhecimentos africanos que vão constituir a formação Étnica do Brasil, Ele não menciona, nem situa as mulheres em sua tese do colono preto como elemento civilizador. No contexto em que Querino produziu os seus escritos, as mulheres estavam disputando e territorializando os costumes africanos na cidade. É o caso das ganhadeiras que monopolizavam e organizavam o comércio em Salvador. Como mostra Cecília Soares no artigo “A Ganhadeiras: Mulher E Resistência Negra Em Salvador No Século XIX:

As atividades realizadas pelas ganhadeiras, apesar de importante para a distribuição de bens essenciais à vida urbana, preocupava as autoridades. Elas faziam seu trabalho de maneira itinerante ou fixavam-se em pontos estratégicos da cidade, servindo de elementos de integração entre uma população considerada perigosa pelas elites. Este fator político, somado ao esforço do Estado para organizar e controlar a vida urbana no século XIX, levaria a muitos embates entre ganhadeiras e autoridades policiais. (Soares, 1996, p 57)

Nesse contexto, as ganhadeiras faziam parte de uma articulação da vida urbana em contato com outros sujeitos marginalizados e participando, como já foi mencionado, de levantes. *Em O Colono Preto Como Fator De Civilização Brasileira( 1918)* Manoel Querino Destaca que O colono preto ao ser transportado para a América, estava já apto para o trabalho que o esperava aqui, como bom caçador, marinheiro, criador, extrator do sal, abundante em algumas regiões, minerador de ferro, pastor, agricultor, mercador de marfim (Querino, 1918, p 2) Nesse trabalho, Querino entende que os conhecimentos dos sujeitos aqui escravizados constituíram-se como um elemento colonizador a partir técnicas próprias do território africano.

A atividade de comercialização de insumos básicos de alimentação exercida pelas ganhadeiras, era algo comum em sociedades africanas, como aponta Soares. Essas mulheres alteram o cenário urbano de modo a ser um incômodo para o estado que tinha a preocupação de que as ruas de salvador virassem grandes feiras, semelhantes a países africanos. Isso significa dizer que, a presença dessas mulheres comercializando alimentos, em sua grande maioria, é uma introdução de produção da vida africana, partindo da percepção de Manuel Querino é esse entendimento que se tem. Entretanto, em nenhum dos seus trabalhos ele cita a contribuição dessas mulheres no processo civilizatório. Assim como em outros eventos que ele narrou, como a independência da Bahia que teve participação feminina. Mostrando, dessa maneira, uma ausência das mulheres nos textos do autor sobre a memória africana.

### CAPÍTULO 03 - OS DESDOBRAMENTOS DA DÉCADA DE 30

No prefácio da primeira edição de costumes africanos no Brasil, em 1938, Arthur Ramos (1903-1949)<sup>14</sup> define Manuel Querino como um pesquisador honesto, mobilizado a escrever sobre sua própria origem, sem, porém, o rigor metodológico e erudição do seu contemporâneo, Nina Rodrigues (1886-1906). O texto que apresenta a obra de Querino, segue o qualificado como um observador atento, implicado em descrever as memórias entranhadas em ambientes que, no contexto de inauguração do regime republicano, foram interpretados sob uma ótica ortodoxa, de modo a corresponder ao ideário higienista daquele momento. Diante dessas movimentações, o Candomblé do Gantois<sup>15</sup> e as ruas da cidade, marcada por representações coletivas das lendas e cultos africanos, passam a ser cenários centrais da construção narrativa do escritor. Junto a isso, as fontes historiográficas, documentos com os quais Querino manteve estreito diálogo ao longo de toda sua produção intelectual.

Ainda nesse texto, Artur Ramos sinaliza ao leitor a respeito de um presente interesse pelo problema do negro do Brasil: trata-se do Movimento de “reabilitação africana” nos estudos etnológicos e sociológicos do africano e seus descendentes brasileiros, no ano de 1930. Ramos fala dos silêncios que emergem da obra de Nina Rodrigues, que foram, segundo ele, audíveis no texto de Querino, o antropólogo assume a postura de comentar o trabalho do último nos congressos que derivam de tal movimento. Através disso, a obra do artista e etnólogo Manuel Querino, passa ser amplamente debatida e criticada por antropólogos e historiadores das décadas de 30 e 40. Esse período corresponde a um resgate significativo da interpretação do africano no âmbito da formação cultural brasileira. Surgem, nesse cenário, escritores como Edison Carneiro, Reginaldo Guimalthas, Jorge Amado e o próprio Arthur Ramos (Corrêa, 1998).

É possível perceber, no conjunto das obras desses autores, uma intensa troca intelectual entre eles e as ideias elaboradas por Querino num momento anterior. Seja se valendo delas para assumir uma postura em relação aos semelhantes temas que os mobilizam enquanto

---

<sup>14</sup> Arthur Ramos (1903-1949) foi um médico e antropólogo alagoano responsável pela institucionalização das ciências sociais no Brasil.

<sup>15</sup> A Sociedade São Jorge do Gantois, Terreiro do Gantois ou Ilê Iamim Axé Iamassê, é um terreiro de candomblé brasileiro em Salvador, na região da federação. Fundado em 18849 pela africana Maria Júlia da Conceição Nazareth “constituindo-se num espaço sagrado de longa expressão religiosa e notável santuário que mantém os costumes e os legados milenares dos povos Iorubá (Abeokutá), preservando o culto aos Orixás, seguindo uma tradição matriarcal com base na estrutura familiar de manutenção dos laços parentais, onde as dirigentes são sempre do sexo feminino obedecendo aos critérios de hereditariedade e consanguineidade”

intelectuais preocupados com o problema do negro âmbito cultural. Nas ciências sociais, esses autores são caracterizados por enfatizar a mestiçagem como elemento central para explicar a dinâmica cultural e a nacionalidade brasileira forjada por seu componente racial. Assim como Querino, os intelectuais da década de 30, escrevem sobre uma Bahia mestiça que pouco corresponde ao intenso processo de secularização do mundo. A escrita de Manuel Querino está, nesse aspecto, profundamente atrelada à defesa da memória dos africanos e dos seus descendentes diante desses termos.

### **3.1- I e II Congresso Afro-Brasileiro e o pensamento de Manoel Querino.**

O primeiro congresso Afro-Brasileiro (1º CAB) aconteceu entre os dias 11 e 12 de novembro de 1934, na cidade de Recife. Um ano depois da publicação do livro que vai fundamentar as políticas sociais e culturais da Era Vargas, Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre. Sobre o objetivo do evento o antropólogo escreve no Jornal diário de Pernambuco:

“O AFRO-BRASILEIRO” “(...) O Afro-Brasileiro que hoje se reúne, às 15 horas, com toda a simplicidade, numa sala do Santa Izabel talvez venha a ser o início de um movimento considerável de cultura e de acção social. A primeira tentativa seria de clarificação do ambiente brasileiro no sentido de se separar o preto do escravo (como já queria Nabuco, que neste mesmo Santa Izabel fez a campanha da abolição) e de se reconhecer no negro, assim rehabilitado, uma raça capaz e com contribuições já notáveis para o desenvolvimento nacional. Ao mesmo tempo que cheia de possibilidades e aptidões magníficas. Por muito tempo nos dominou, um aryanismo ridículo, ligado a preconceitos de classe e de exploração econômica. (...) O Afro-Brasileiro representa reação necessária. O sangue negro no Brasil não deve ser vergonha para ninguém. Nem o sangue negro nem a influência africana, que alcança a todo brasileiro sincero o authentic como uma enorme ‘mancha mongólica’ que se tivesse alastrado por toda alma nacional”

O propósito do CAB explícito por Frey na publicação informa a construção de uma nação orgulhosa da mistura racial. Tal articulação, como apresentamos ao percorrer a trajetória de Querino, já tinha começado a ser desenhada no final do século passado como uma resposta aos diagnósticos deterministas das teorias raciais a respeito da composição étnica do país. Não queremos afirmar com isso que a mestiçagem foi um construto teórico do negro, até porque esse é uma categoria nativa, isto é, está presente no mundo social. O que a experiência de Querino nos revela é uma articulação histórica da modernidade negra, como explica Guimarães:

Analisar a trajetória de Querino equivale, portanto, a lançar mais luzes sobre o modo específico como a modernidade negra constituiu-se no Brasil, ou melhor, como os descendentes de africanos constituíram no Brasil as suas próprias referências subjetivas, a sua identidade como brasileiros e como negros. Longe de serem vistos como negros “embranquecidos”, a sua compreensão do Brasil como um país mestiço talvez seja a chave para entender a negritude brasileira, tão diferente do que foi a negritude franco- antilhana, ou o “novo negro” americano, e muito mais afastado ainda do “negrismo” dos intelectuais brancos latino-americanos. (Guimarães, 2004. p.2)

A modernidade negra é vista, nessa concepção apresentada pelo sociólogo, do ponto de vista da tradição das elaborações teóricas negras. Uma vez que essas referências que afirmam o que é ser negro foi se transformando ao longo da história. Certamente, a compreensão do que é ser negro para intelectuais como Lélia Gonzalez e Guerreiro Ramos, que nega a agenda do culturalismo, difere das formulações de Querino. No entanto, as definições de intelectuais negro do século passado não é menos importante para entender a constituição da formação racial do ponto de vista da autodeterminação dos negros.” Os intelectuais negros da década de 1920, “aproveitaram as potencialidades progressistas de ideologias que equiparavam mistura racial a inclusão social. Eles expressavam uma esperança de que essas ideias mais recentes pudessem ajudar a afastar as incertezas inabaláveis do racismo doutrinário” (Alberto,2017, p 23).

Nesse aspecto, a modernidade negra é representação de si como na construção de um ideal político. Voltando ao fragmento de Frey, podemos perceber a reatualização desse negro objeto que será expresso na sistematização da antropologia e sociologia que, mesmo tentando positivar, coloca o negro como problema. “O sangue negro no Brasil não deve ser vergonha para ninguém”. Problemática que, mais tarde, vai ser melhor desenvolvida por Guerreiro Ramos. Outro ponto a ser destacado, é a posição paternalista dos comentadores de Querino, como Arthur Ramos.

Nos anos seguinte de uma antropologia na Bahia marcada pelo olhar e interesse estrangeiro, por ser uma sociedade alternativa as relações raciais, representada na mestiçagem como utopia, que os intelectuais da década de 30 defendem, o intelectual negro vai seguir sendo visto como o informante no interesse desse negro objeto. Ocupando, dessa maneira, a produção de estudos voltados para etnização. Nesse contexto, é realizado o segundo CAB, em 1937, na cidade de Salvador. Sobre as finalidades desse congresso Edson carneiro explica que:

Este Congresso tem por fim estudar a influência do elemento africano no desenvolvimento do Brasil, sob o ponto de vista da etnografia, do folclore, da arte, da antropologia, da história, da sociologia, do direito, da psicologia social, enfim, de todos os problemas de relações de raça no país. Eminentemente científico, mas também eminentemente popular, o Congresso não reúne apenas trabalhos de especialistas e intelectuais do Brasil e do estrangeiro, mas também interessa a massa popular, aos elementos ligados, por tradições de cultura, por atavismo ou por quaisquer outras razões, à própria vida artística, econômica, religiosa, do Negro do Brasil. [...] (Carneiro, 1937 apud Gaspar, 2017).

No entanto, esse congresso que dialoga com os trabalhos de Querino, que documentou a memórias negras no século passado na cidade de Salvador, não é mencionado por nenhum intelectual. Segundo Gledhill (2017), é relativamente recente o interesse por Querino na produção de um conhecimento antropológico e sociológico sistematizado pela universidade.

### **3.2 - Culinária e identidade Nacional - Representação da Mãe preta mulata**

Como podemos observar nos objetivos do primeiro e segundo Congresso Afro-Brasileiro, a afirmação da presença do negro na cultura brasileira terá importância no século XX. Esse momento será marcado pela representação da Mãe Preta na cultura nacional, sendo esta uma articuladora da mistura cultural. A Bahia, nesse cenário, vai se afirmar pela baianidade do dendê, tendo o feminino como sua principal representação. Há toda uma construção literária e musical que dará corpo a esse processo. Se no século passado a Bahia era representada como a preta velha vendendo angu, agora ela firma-se no erotismo da baianidade do dendê. Dando importância a isso, esta seção busca analisar os desdobramentos da ideia de primazia da culinária baiana em uma Bahia mestiça, presente na obra "A Arte Culinária na Bahia", na década de 30.

Em março de 1926, Gilberto realiza sua primeira viagem à Bahia, e no mesmo ano ele publica um poema pela Revista Norte, dedicado a José Maria de Albuquerque, *Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados*:

Negras velhas da Bahia  
vendendo mingau angu acarajé  
Negras velhas de xale encarnado  
peitos caídos  
mães das mulatas mais belas dos Brasis  
mulatas de gordo peito em bico como pra dar de mamar a todos os meninos do  
Brasil.  
Mulatas de mãos quase de anjos  
mãos agradando ioiôs  
criando grandes sinhôs quase iguais aos do Império

penteando iaiás (...)  
 um dia voltarei com vagar ao teu seio moreno brasileiro  
 às tuas igrejas onde pregou Vieira moreno hoje cheias de frades ruivos e bons  
 aos teus tabuleiros escancarados em x (êsse x é o futuro do Brasil)  
 a tuas casas a teus sobrados cheirando a incenso comida alfazema cacau.

O Poema de Frey é significativo para compreendermos a construção da Mãe preta mulata como afirmação nacional da imagem da Bahia. Em outra parte do poema, ele descreve a Bahia como uma maternal cidade gorda, fazendo referência às mulheres e a circulação de alimentos na paisagem. Essa afirmação corresponde ao construto da primazia da culinária mestiça que gera, nessa perspectiva, o patrimônio nacional. Ainda sobre essa visita ele escreve no prefácio de Casa Grande e Senzala:

Demorando-me em Salvador pude conhecer com todo o vagar [...] a arte do traje das negras quituteiras e a decoração dos seus bolos e tabuleiros como certos encantos mais íntimos da cozinha e da doçaria baiana que escapam aos simples turistas. Certos gostos mais finos da velha cozinha das casas-grandes que fez dos fornos, dos fogões e dos tabuleiros de bolo da Bahia seu último e Deus queira que invencível reduto [...] “Une cuisine et une politesse! Oui, les deux signes de vieille civilisation...”, lembro-me de ter aprendido em um livro francês. É justamente a melhor lembrança que conservo da Bahia: a da sua polidez e a da sua cozinha. Duas expressões de civilização patriarcal que lá se sentem hoje como em nenhuma outra parte do Brasil [...] Os pratos mais saborosos da cozinha brasileira em lugar nenhum se preparam tão bem com nas velhas casas de Salvador e do Recôncavo (op.cit., p.43)

A culinária baiana aparece no texto de Freyre como uma nostalgia de um passado que ficou resguardado na Bahia. Nesse aspecto, a mãe preta teria a função de articular essa memória de um passado de marcas negras em um plano nacional de modo a refletir uma sociedade orgulhosa da mistura racial. Essa é uma forte característica do modernismo regionalista. Na Bahia, a literatura de Jorge Amado vai ajudar a construir a imagem da negra mula cozinheira, com Gabriela e Dona Flor. Destacando na construção da identidade dessas mulheres as habilidades culinárias e suas características físicas. “Esta característica em Gabriela é tão destacada, que sua descrição a torna uma combinação entre dois temperos: mulher de tom de canela e cheiro de cravo, especialmente perceptível durante as relações sexuais” (Machado, 2012.p 55)

Nos romances amadianos, essas mulheres aparecem como uma representação da mestiçagem como utopia. Durante o governo nacionalista de Getúlio Vargas (1930-1945) essa sociedade orgulhosa da mestiçagem era um investimento de política de governo que pretendia a

unificação de uma sociedade dividida em classe, raça e religião. “No entanto, a definição de uma raça e de uma cultura mestiça nacional em Vargas baseava-se principalmente na cultura popular do rio de janeiro” (Alberto,2017, p.162) Tal concepção aprofundou ainda mais a produção de uma baianidade do dendê que defendia a singularidade da Bahia a partir de uma produção intelectual regionalista. Nessa produção, encontra-se a representação da negra mulata cozinheira.

Diferente do século XIX, que a partir de diversas políticas higienistas tentou desafricanizar as ruas da cidade que era composta pela presença de trabalhadoras negras, quitandeiras, ganhadeiras e vendedoras de acarajé, a década de 30 incorpora essa presença feminina em uma herança africana controlada nas políticas culturais de Vargas. Como mostra Paulina Alberto:

Vargas via o nordeste como um centro de apoio popular, reconheceu em sua política cultural uma identidade regional influenciada pela África, particularmente na Bahia. No entanto, ele fez uso dessa identidade regional de maneiras que fortalecem seu projeto de incorporar todas as identidades regionais na criação de uma identidade nacional mais abrangente, enraizada no Rio De Janeiro. Como parte de intensificação de regulamentação do carnaval ao longo da década de 30, por exemplo, o governo estipulou que todos os desfiles dos grupos carnavalescos deveriam incluir, entre outras coisas, uma ala de baianas. “A baiana negra, conhecida por seus vestidos turbantes e por sua ligação com as religiões afro-baianas, tinha se tornado ícone da identidade baiana. (Alberto,2017, p 168)

O que podemos perceber com isso é que o discurso acerca do trabalho culinário produzido por mulheres negras, associado ao candomblé, vão sendo manipulados de forma a sustentar o ideário da época. Da preta velha associada a sujeira a ícone carnavalesco. E isso não significa dizer que entre essas representações haja uma transição na forma como essas mulheres são percebidas no seu ofício cotidiano. Na cidade de Salvador, no entanto, as mulheres negras de candomblé territorializam a circulavam os elementos africanos do ponto de vista da autodeterminação. Ponto que assemelha-se à tese de Querino de primazia da culinária baiana , que também é comida de santo.

Nesse contexto, as Ialorixás investiram em elementos puramente africanos como uma afirmação positiva. Como é o caso da Mãe Aninha<sup>16</sup>, fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá , que se destacou na maneira que utilizou as rotas transatlânticas de intercâmbio comercial e

---

<sup>16</sup> Eugênia Ana dos Santos, a ialorixá Obá Biyi, nasceu em Salvador em 1869. Mais conhecida como Mãe Aninha, ela foi feita no candomblé do Engenho Velho – a casa de Mãe Nassô – fundado por volta de 1830 e o primeiro a funcionar regularmente na Bahia. Saiu de lá para formar uma nova casa, o Ilê Axé Opô Afonjá, hoje considerado Patrimônio Histórico Nacional.

intelectual, firmando sua casa como uma representação de laços contínuos com a África. Essas mulheres também colaboraram com a construção intelectual da década de 30, Mãe Aninha, por exemplo, estava presente no 2 CAB.

Os intelectuais desse momento na Bahia, em uma reação à mestiçagem cultural de Vargas que tinha o Rio de Janeiro como referência, vão investir na Bahia como uma representação singular da memória africana. A contribuição de mãe Aninha para esses intelectuais vai nesse sentido. Diante dessa disputa, em 1939, foi publicado o “Caderno de Xangô”, de Jerônimo Sodré Vianna, com a justificativa de divulgar as receitas autênticas da culinária baiana que estavam sendo desvirtuadas em restaurantes no Rio de Janeiro e São Paulo.” (Machado, 2012, p. 61).

Em *A Arte culinária na Bahia*, a singularidade da culinária baiana que tem em si a primazia e excelência dos conhecimentos africanos, é construída em relação a outros estados. O primeiro livro sobre culinária afro-brasileira vai positivar esse trabalho ao pé do fogão na ideia de construção da formação étnico cultural brasileira. As acepções sobre a culinária afro-brasileira e suas representantes nos anos seguintes, retomam, em certa medida, as ideias desenhadas no trabalho de Manuel Querino. Atribuindo a essa ideia de primazia novos sentidos que dessem conta da compreensão da influência do elemento africano no desenvolvimento do Brasil naquele contexto.

Assim, a singularidade da culinária baiana, fundamentada na primazia e excelência dos conhecimentos africanos, é apresentada como uma contribuição essencial à formação étnico-cultural brasileira. Os conceitos delineados por Manuel Querino continuam a ecoar nas interpretações subsequentes sobre a culinária afro-brasileira, atribuindo-lhes novos significados que refletem a influência africana no desenvolvimento do Brasil na concepção dos intelectuais da década de 30.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se concluir que a tese apresentada na obra *A Arte Culinária Na Bahia (1928)* de cozinha baiana, como a formação étnica do Brasil, que também representa a fusão do português, do indígena e do africanos, destacando o último como melhoramento e excelência teve diversos desdobramentos na importância dada a influência do elemento africano no desenvolvimento do Brasil no século XX. Ao percorrer pelos discursos sobre a circulação de alimentação afro-

brasileira na cidade, notamos a forte influência das mulheres negras na produção de um discurso-território acerca da alimentação a partir da forma como disputavam a circulação de seus alimentos na cidade. Como também a forma como a imagem da mulher negra foi manejada como um pilar do discurso da mestiçagem.

O olhar de Querino sobre culinária afro-brasileira é estreitamente ligado ao sagrado, ao perceber isso em seus textos, notamos como as mulheres do candomblé foram responsáveis por territorializar a culinária afro-brasileira na cidade. Olhando para a experiência de Mãe Aninha, por exemplo, é possível reverter a lógica comumente usada da Mãe preta, passiva e generosa, para aquela que gesta um tipo de experiência de dignidade de modos de vida na diáspora africana. Querino, no seu texto, falava justamente da contribuição do africano na formação do país a partir de seus conhecimentos e memórias. Embora o texto de Querino não tenha sido amplamente lido e comentado no segundo CAB, notamos um desdobramento de suas ideias na disputa de uma Bahia singular na era Vargas.

Na produção de uma intelectualidade negra ou do negro como tema que se desenvolveu nas décadas seguintes, Manuel Querino foi apagado Segundo Gledhill (2017), é relativamente recente o interesse por Querino na produção de um conhecimento antropológico e sociológico sistematizado pela universidade. Como foi apresentado, Querino foi celebrado e prestigiado no seu tempo de forma simbólica. É possível acessar a memória de Querino nos espaços físicos das instituições que ele transitou, como o Instituto Histórico e Geográfico, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e a Sociedade Protetora dos Desvalidos. Para essas instituições, a memória de Querino é importante para construção de suas histórias. Por isso mesmo, essa pesquisa situa-se nos trânsitos de Querino. Não só dentro desses estabelecimentos, mas como também na mediação com os seus e suas interlocutoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão: Intelectuais negros brasileiros no século XX**. São Paulo: Unicamp, 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49 ed. São Paulo: Global, 2004.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In.: **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...** Coletânea organizada e editada pela UCPA-União dos Coletivos Pan-Africanistas. São Paulo: Diáspora Africana, p. 190-214, 2018.

GOMES, Janaina Damaceno. *Os segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)*. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GRLEDHILL, Sabrina. **Travessias no atlântico negro: reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino**. 2 ed. Funmilayo Publishing, 2018.

GUIMARÃES, Antônio. **Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)**. São Paulo: Editora 34, 2021.

CAMPOS, Lucas. *Sociedade protetora dos desvalidos: Mutualismo, política e identidade racial em Salvador (1861-1894)*. Dissertação (História Social) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANTOS, José. *A Irmandade do Rosário Dos Pretos: História de Fé, (Re)existência e comida*. Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, Uberlândia,(1-19) . Outubro,2018

LEAL, Maria. “Manuel Querino narrativa e identidade de um intelectual Afro-baiano no Pós-abolição”. *Projeto História*, São Paulo, n. 57, pp. 139-170, Set.-Dez. 2016

LEMOS, Ana. *Entre a tradição e a modernidade: Experiência e formação em Raymundo Manoel Querino- Salvador, BA (1892-1916)*. Dissertação. (História da Educação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MACHADO, Taís Sant’ana. **Um pé na cozinha: Um olhar sócio histórico para o trabalho de cozinheiras negras no Brasil**. São Paulo, Fósforo, 2022.

REIS, Carlos Antônio. *Do Convívio e Colaboração das Raças: Elo Da mestiçagem E Reabilitação Do Negro em Manoel Querino*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Franca, 2009.

PIERSON, D. **Branços e pretos na Bahia (estudo de contacto racial)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

QUERINO, Manoel. **A Bahia De Outrora - Vultos e Fatos Populares**. 3 ed. Bahia Livraria Econômica. 146

QUERINO, Manuel. *O colono preto como fator da civilização brasileira*. 1918

\_\_\_\_\_ **A Raça africana e Seus Costumes**. SALVADOR : Livraria Progresso,155.

\_\_\_\_\_ **Os costumes africanos no Brasil**. Organizado por Arthur Ramos em 1938